

## HIBRIDIZAÇÃO DO CURRÍCULO E AS SUAS (DES)VANTAGENS

Pascoal Jorge Sampa<sup>1</sup>

### RESUMO:

O presente trabalho surgiu por meio das discussões e reflexões desenvolvidas nas aulas de Políticas Educacionais, Curriculares e Descolonização dos Currículos<sup>2</sup>, sobre o processo de hibridização dos currículos nos PALOP. O objetivo é analisar até que ponto as influências internacionais afetam os programas curriculares destes países e de forma particular como eles se afetam entre si, através do processo de hibridização dos currículos. Entender como ocorre a relação saber-poder nos conteúdos, dentro dos currículos escolares. Metodologicamente, o trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa documental e baseou-se nas Leis Educacionais e documentos sobre políticas educacionais na perspectiva das teorias curriculares. Verifica-se que existe forte predominância dos conteúdos “estrangeiros” na tentativa de fazer à hibridização nos PALOP, o que significa que não existe uma democratização dos conteúdos e, uma abertura total com relação aos conhecimentos endógenos e até subalternizados nos respectivos países. Uma vez que, os currículos carregam traços fortes dos conteúdos estrangeiros, é possível observar similaridades no que diz respeito às legislações educacionais entre os países com relação às influências internacionais. Assim, precisamos debater profundamente sobre essas questões que são extremamente importantes para o processo educacional e conseqüentemente, a necessidade de procurar construir um currículo que visa garantir o conjunto de aprendizagens essenciais para formação de jovens.

**Palavras chave:** Hibridização. Internacionalização. Democratização. PALOP.

## CURRICULUM HYBRIDIZATION AND ITS (DIS)ADVANTAGES

### ABSTRACT:

The present work emerged through the activities and reflections developed in the Curriculum Educational, Policies and Curriculum Decolonization, classes on the process of hybridization of curriculum in the PALOP. The objective is to analyze to what extent international influences affect the curriculum of countries and, in particular, how they affect each Other, through the hybridization process of curriculum. Understand how this power relationship of contents occurs within school curriculum. Methodologically, the work was developed through documentary research and was based on Educational Laws and documents on educational policies from the perspective of curriculum theories. It appears that there is a strong predominance of "foreign" contents in an attempt to make hybridization in the PALOP, which

---

<sup>1</sup> Bacharel em Humanidades e Licenciado em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Redenção – CE, Brasil. Mestrando pela Universidade de Lisboa – Portugal. E-mail: [pascoalsampa@hotmail.com](mailto:pascoalsampa@hotmail.com).

<sup>2</sup> Disciplina ministrada pela Prof. Dr<sup>a</sup>. Joana Elisa Rower. Semestre 2017.2.

means that there is no democratization of these contents and a total openness with regard to endogenous and even subordinate knowledge in the respective countries. Since the curriculum carry strong features of foreign content, it is possible to observe similarities with regard to the educational legislation in between of countries in relation to international influences. Thus, we need to debate deeply about these issues that are extremely important for the educational process and, consequently, the need to seek to build a curriculum that aims to guarantee the set of essential learning for the formation of young people.

**Keywords:** Hybridization. Internationalization. Democratization. PALOP.

## INTRODUÇÃO

Debruçar a respeito da hibridização curricular é sempre um desafio, quanto mais, quando se trata da sua implementação nos PALOP<sup>3</sup>, onde cada país carrega grande diversidade, desde a questão da língua até nas diferentes formas de conhecimentos endógenos e na transmissão do mesmo para as gerações vindouras. Assim, o processo de hibridização torna-se complexo a sua democratização e conseqüentemente, evitar a dominação de alguns conteúdos escolares que são privilegiados com relação aos outros, principalmente dos conteúdos estrangeiros (hegemônicos). As nossas discussões se orientam nas legislações desses países e dos modelos curriculares aplicados. Esta pesquisa se caracteriza como explicativa ao objetivar compreender como ocorre o processo de hibridização curricular nesses países e até que ponto isso se torna uma vantagem ou desvantagem para os nativos e procura identificar quais são os fatores determinantes para a predominância dos conteúdos “estrangeiros” nos currículos dos países. Metodologicamente optamos por uma pesquisa documental através de uma abordagem qualitativa desse problema. Analisar as relações de poder-saber dentro dos currículos escolares, entender o processo de hibridização curricular nos PALOP, com ênfase das influências externas neste processo.

Como ocorrem essas lutas de poder-saber na configuração curricular? Quais os aspetos que influenciam no processo de hibridização dos nossos currículos? Quem são os atores envolvidos nos textos de orientação curricular? São questões que atravessam este trabalho. Para melhor análise traremos exemplos dos processos que buscam essa aproximação dos fatores endógenos e exógenos dentro dos currículos escolares. Aquilo que deveria ser uma construção permanente em todos os âmbitos do sistema educacional.

---

<sup>3</sup> Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. A comunidade é formada por cinco países a saber: Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Segundo Durkheim (2011), educação é um dos meios pelo qual os seres humanos conseguem transmitir os conhecimentos fundamentais para a permanência do outro indivíduo numa determinada sociedade. Cada sociedade educa de acordo com as suas representações e daquilo que acredita ser fundamental para a permanência ou avanço dos indivíduos que compõem essa sociedade. Para ele, a educação é ato social, dessa forma, não podemos recusar outros saberes, pois, eles colocam os indivíduos que os pertencem em contato com aquela sociedade, mesmo não sendo conhecimentos que passam necessariamente por via da escrita. Exemplo dos saberes indígenas ou de culturas africanas, que mesmo não sendo reconhecidos por outros, são saberes que unem esses povos através das práticas culturais.

## **CURRÍCULO E PODER: PERSPETIVAS PÓS-ESTRUTURALISTAS**

De acordo com Cá (2008), o currículo perpassa um processo de construção de significados e valores culturais de cada sociedade e eles não se restringem apenas a transmissão dos conteúdos, ou seja, de conhecimentos que são previamente elaborados, mas também tem o poder de criar os significados sociais através de diferentes formas e perspectivas.

Sendo uma relação de poder, as perspectivas pós-estruturalistas, não devem ser vistas só por perpetuar as relações do poder, elas também procuram manter um viés emancipatório, agregar e inverter novos conceitos numa determinada sociedade e época. Segundo Pereira (2017) o pós-estruturalista apoia a importância das estruturas não na constituição do sujeito, mas na determinação de posição deste e também rejeita a ideia do sujeito universal defendida por estruturalistas. Qualquer que seja a escolha, entre estas perspectivas (estruturalista e pós-estruturalista) a compreensão das relações de saber-poder na construção curricular permanece. Quando se fala que o currículo é poder Silva (2010), significa que ele já é parte de um conjunto de ações que envolvem a criação da opinião pública e privada. Ele é uma das formas de orientar as sociedades contemporâneas, porque, é através dele que são selecionados os conteúdos a serem ensinados e esses por sua vez têm um reflexo grande nas nossas ações como indivíduos sociais. Por outro lado, abordar a relação de currículo e poder, invariavelmente é falar de colonialidade do saber, porque estes currículos são *impostos* verticalmente e acabam por produzir inviabilidades, silenciamentos e inadequações nos contextos específicos e plurais de várias sociedades.

A continuação deste pensamento e de outras formas de subjugação colonial quando entram no campo político e nas políticas educacionais, com todos os efeitos, viram

dominadores e controladores da subjetividade e do conhecimento. Muitas dessas *imposições* são consequências das ocupações coloniais, nomeadamente nos países africanos e latino-americanos e sobretudo, do vínculo forte entre este passado e o presente nestes países. O poder aqui abordado mostra a influência que o currículo representa nas nossas sociedades, submetendo os indivíduos ao controle social. E por meio do currículo são estabelecidos ideais de educação nestes países com uma grande diversidade cultural e linguística que são subjugados em detrimento das referências estrangeiras e outras teorias.

Conforme Silva a “noção de teoria [...] é sempre representacional, especular, mimética: a teoria representa, reflete, espelha a realidade, [...] uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade” (2010, p. 11). Esses fatores são escolhidos dependendo da sociedade e instituições competentes para tal, de forma particular. Enquanto o currículo, ele é um objeto que ocorre anteriormente que as teorias e o envolvimento dos currículos nesse sentido seriam de descobrir, descrever e explicar os fenômenos deste. Aqui está o cerne do problema, porque ao fazer essas descrições, explicações por meio dos currículos, as teorias também introduzem os produtos das suas criações, ou seja, elas não se limitam em narrativas e de forma isentas.

Desta forma, os currículos são sujeitos à inúmeras *manipulações* por parte das teorias, porque vai depender da forma como ele é definido pelos diferentes autores e teorias. Com isso corremos o risco daquilo que Silva (2010) considera por teorias do currículo, podemos pensar ela, ou é uma tendência ou corrente que abarca certas experiências de aprendizagem de uma época, sociedade, visões do mundo etc., que devem ser passadas aos estudantes. Ele é sempre o resultado de uma seleção de conhecimentos ou saberes, desse ou daquele determinado conhecimento ou saber que uma dada teoria acredita que é mais importante que os outros.

Em concordância com Mézaros (2008), todas as mudanças educacionais devem ser pensadas em conformidade com os interesses de todas as classes sociais e não atender só uma. “limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa” (p. 27). Destaca a força das estruturas capitalistas, para ele, as reformas educacionais não atingem as sociedades capitalistas, porque o seu sistema socioeconômico não admite o controle. Pois procurar reforma sistêmica na própria estrutura do capital seria uma contradição, o ideal seria romper com a lógica do capital a fim de conseguir uma alternativa educacional. “É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (p.27).

A lógica do capital tem afetado muito a educação, de acordo com Mészáros, isso influencia também no tipo de educação que temos hoje. “O impacto da lógica incorrigível do capital sobre a educação tem sido grande ao longo do desenvolvimento do sistema” (p.35). Segundo ele, ao longo desses 150 anos, o sistema de educação institucionalizada, serviu exclusivamente para fornecer os conhecimentos para a expansão do sistema capitalista em geral e os interesses dominantes, por meio de uma dominação estrutural, subordinação hierárquica que também adulterou a história real a favor dele e critica a forma como as soluções da educação são invertidas em detrimento da lógica do capital.

## **AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE E HIBRIDIZAÇÃO CURRICULAR**

Abordar esse assunto é trazer ao debate as questões mais complexas no que concerne aos sistemas de ensino nos PALOP. A hibridização curricular pode apresentar aspetos positivos e negativos, pois nos dá a possibilidade de mesclar vários elementos que acreditamos que são relevantes para a sociedade, conteúdos locais e também globais que refletem no nosso cotidiano, isto quando este processo é feito de forma consciente e seguindo todos os procedimentos. Já a *imposição* de estruturas e conteúdos pelos agentes internacionais aos países, deste modo, como de práticas educacionais, acarretam a importação de modelos ocidentais que são hegemônicos.

A hibridação pode ser inadequada quando o processo não considera a sua função de democratização perante as diversidades existentes numa realidade e sobretudo, de emancipação. Em concordância com Freire (1978), a escolha da língua crioula como a nacional e oficial na Guiné-Bissau e por conseguinte a sua implementação como a língua do ensino, representaria uma grande possibilidade do país criar uma nova sociedade, uma educação cidadã e contrária da educação colonial, o que seria um passo importantes para a emancipação da população. A hibridização no contexto de comunidade dos países da língua portuguesa possui um caráter muito forte e um processo controverso. Ao invés de fazer mesclas, acaba deixando de lado as realidades locais, para inculcar outras realidades (europeia e americana), o que provoca o silenciamento até na produção dos materiais didáticos que às vezes nem ilustram as suas realidades. Defendemos que a hibridização curricular passa a ser agregadora e não para (re)produzir silenciamentos e esquecimentos das culturas locais.

Deste modo, se pensarmos a hibridização curricular como um processo complexo e formado pelo cruzamento de dois ou mais elementos diferentes, com o propósito de ter um

resultado que agrega todas as partes envolvidas, de certa forma, é uma tentativa de homogeneizar e fazer a equivalência das partes. Esse fenômeno é muito presente nos PALOP. Uma das explicações desse fato é o domínio que os modelos ou conceitos externos têm nesses países, entendidos como fundamentais para entender o mundo. É um dos principais problemas que ocorrem nessa hibridização e que influencia o sistema educativo destes países. Quando vemos os programas (conteúdos) escolares, é possível observar que as realidades nacionais desses países são pouco estudadas. Para muitos autores, este evento se explica por duas razões antagônicas e que uma não elimina a outra, a saber: *herança de um sistema educativo colonial e a questão da língua estrangeira como a oficial do ensino nesses países*.

Porém, o fato desses países herdarem um sistema educativo colonial, explica muito pouco o domínio dos conteúdos de fora nos currículos escolares, pois, já se passaram 40 anos das independências. Portanto, estes fatos já podiam ser mudados, ou seja, esta primeira tentativa de explicar esse fenômeno, através das heranças coloniais deixa de fora e em grande parte as políticas educacionais levadas a cabo pelos governantes do PALOP, onde ainda existe forte influência dos autores estrangeiros, conteúdos, materiais didáticos que continuam a fomentar um processo da reatualização hegemônica.

Quanto à língua, fica evidente que ela tem um impacto grande nesse processo. A maioria desses países convive com mais de três línguas. Permito-me um pequeno parêntese tendo em vista a essa questão da língua, pois, a Guiné-Bissau tem mais de 20 grupos étnicos (o mesmo fenômeno acontece em Moçambique e Angola com cerca de dez grupos étnicos). Cada grupo com a sua língua própria. Além do crioulo que é falado por 90,4% e o português que é a língua oficial com cerca de 27,1% (INE, 2009), existe uma língua étnica que tem número de falantes superior a língua oficial do país, exemplo da língua fula que tem 28,5%. Fechando parêntese e inserindo Cá (2008), o fator linguístico na Guiné-Bissau tem impactos relevantes no sistema educativo, como também nos outros países da comunidade. O autor elenca dois dilemas para este acontecimento: a “primeira delas é o *crioulo versus línguas étnicas*”, por ser adotado como língua nacional do país. O “segundo dilema ou contradição é o *português versus crioulo*. A despeito de o crioulo ser língua do dia a dia da maioria da população urbana, todos os textos escritos estão em português” (CÁ, 2008, p. 103). Estes e outros fatores ora são deixados de lado ou são invisíveis pelo processo de hibridização devido às suas complexidades.

Destarte, Dussel (2010) afirma que não devemos confiar totalmente no processo de hibridização, pois, nem todos seguem a rigor as regras, no sentido de serem neutros, sem falar

que a neutralidade é quase impossível neste aspeto, tendo em conta os conflitos de interesses e do currículo também ser uma relação de poder-saber. Alguns (conteúdos, conceitos, culturas, saberes, etc.) acabam por ser escolhidos ou deixados de lado. É importante termos noção clara que estamos assumindo os riscos de apagar determinados saberes, tradições, etc. procurar não homogeneizar e tampouco, impedir a possibilidade duma abertura da tolerância às diferentes culturas.

Caso concreto da língua crioula em Cabo-Verde, a implementação de um projeto bilíngue de aprendizagem nas escolas em língua portuguesa e na língua crioula desde o ano letivo 2013/2014, em algumas ilhas do país (Praia e São Miguel – Santiago). Introduzindo assim, a língua materna cabo-verdiana nas escolas básicas, a fim de facilitar os primeiros contatos dos alunos na fase de alfabetização. Conforme Dussel (2010), todo o cuidado é pouco nesse sentido, para ela, hibridização como forma de problematizar o vínculo entre saberes diferentes se associa também a diversas estratégias e discursos, alguns com o objetivo de domesticar as diversidades existentes. O que na realidade nesses países está acontecer, uma espécie de genocídio cultural e de saberes. Portanto, os currículos são grandemente definidos através das relações de poder-saber, daquilo que deve integrar ou não. Nesse caso específico dos PALOP, eles sofrem com estas influências, exercidas de fora para dentro, o que se justifica em parte, pela dependência e financiamentos dos organismos internacionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de hibridização é uma reflexão importante e necessária nesses países, porque nos permite rever como foi e como está sendo a educação formal nos PALOP. Não se pode abordar a questão da hibridização curricular sem ter em mente que ela está ligada ao poder-saber, que cria influências em determinadas circunstâncias sociais, culturais, econômicas, linguísticas, etc. O currículo é poder sim, porque é a partir dele que são criados diversos meios para as interpretações sociais, instituindo uma visão hegemônica do mundo e os processos de dominação. Através dele que as culturas escolares são construídas e conseqüentemente, a sua perpetuação e inculcação pela sociedade. No caso dos PALOP, países com grande diversidade tanto cultural como linguística, seria necessário agregar esses valores nos devidos sistemas educativos e não fazer ao contrário, importando os modelos

“estrangeiros”, o que acaba por influenciar na formação dos indivíduos desses países e sobremaneira, na valorização das suas culturas no futuro.

Como qualquer processo que une diferentes componentes, a tendência é de um aspecto sobrepor a outro(s), mas isso fica mais acentuado quando ocorre nos lugares com estruturas mais frágeis, como no caso destes países que têm um nível de dependência muito alto em quase todas as áreas. Essa dependência tem os seus efeitos. Dado que, as agências internacionais acabam tendo o poder de recomendar os modelos e em alguns casos, impor, mormente quando se refere a Educação. Submetem-se às contradições do processo, pondo-se assim, um país e gerações por diferentes formas de submissão. À vista disso, a hibridização curricular tem esse caráter dual e controverso e se insere em lutas de poder-saber desiguais, o que exige uma análise do processo e adaptações necessárias de acordo com as particularidades de cada país.

Não que esses conhecimentos estrangeiros sejam irrelevantes, mas os conhecimentos nacionais têm impacto direto na vida cotidiana desses indivíduos, os estrangeiros devem entrar para complementar, como acontece nos países ocidentais, visto que, só podemos trabalhar para mudar a nossa realidade, conhecendo-a. De modo que, a valorização e o papel central dos conteúdos nacionais nos currículos escolares nos PALOP deve ser visto como uma prioridade, pois, isto enriqueceria muito o sistema educativo e possibilitaria também os jovens a conhecer as suas culturas, lutas, saberes e riquezas em cada país em debate.

## REFERÊNCIAS

CÁ, Lourenço Ocuni. A constituição da política de currículo na Guiné-Bissau e o mundo globalizado. Cuiabá: EdUFMT/Capes, 2008. 247 p.

DURKHEIM, Emile, 1858-1917. Educação e Sociologia; tradução de Stephania Matousek. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 - (Coleção Textos Fundantes de Educação). Págs. 09-57.

DUSSEL, Inés. O Currículo híbrido: domesticação ou pluralização das diferenças? In: Alice, Casimiro Lopes; Elizabeth Macedo (org). Currículo: debates contemporâneos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MÉSZAROS, István. A educação para além do capital. 2.ed. - São Paulo: Boi Tempo, 2008. - (Mundo do Trabalho).

PEREIRA, Talita Vidal. As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as políticas curriculares. Espaço do currículo, v.3, n.1, pp. 419-430. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/9102/4790>. Acesso: 10/06/2021.

República da Guiné-Bissau. Ministério da Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e dos Desportos. Lei nº 4/2011. Lei de Bases do Sistema Educativo. Bissau, n. 13, 2010.

República de Angola. Ministério da Educação Nacional. Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino Nº 1/01. Diário da República, 2011.

República de Cabo-Verde, Ministério de Educação e Valorização dos Recursos Humanos. Lei nº 113/99. Lei de Bases do Sistema Educativo, 2010.

República de Moçambique. Ministério da Educação e Cultura, Lei nº 6/92: Lei de Bases do Sistema Educativo, 2015.

República Democrática de São Tome e Príncipe. Ministério da Educação e Cultura, Lei nº 2/03: Lei de Bases do Sistema Educativo, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 159. 2010.